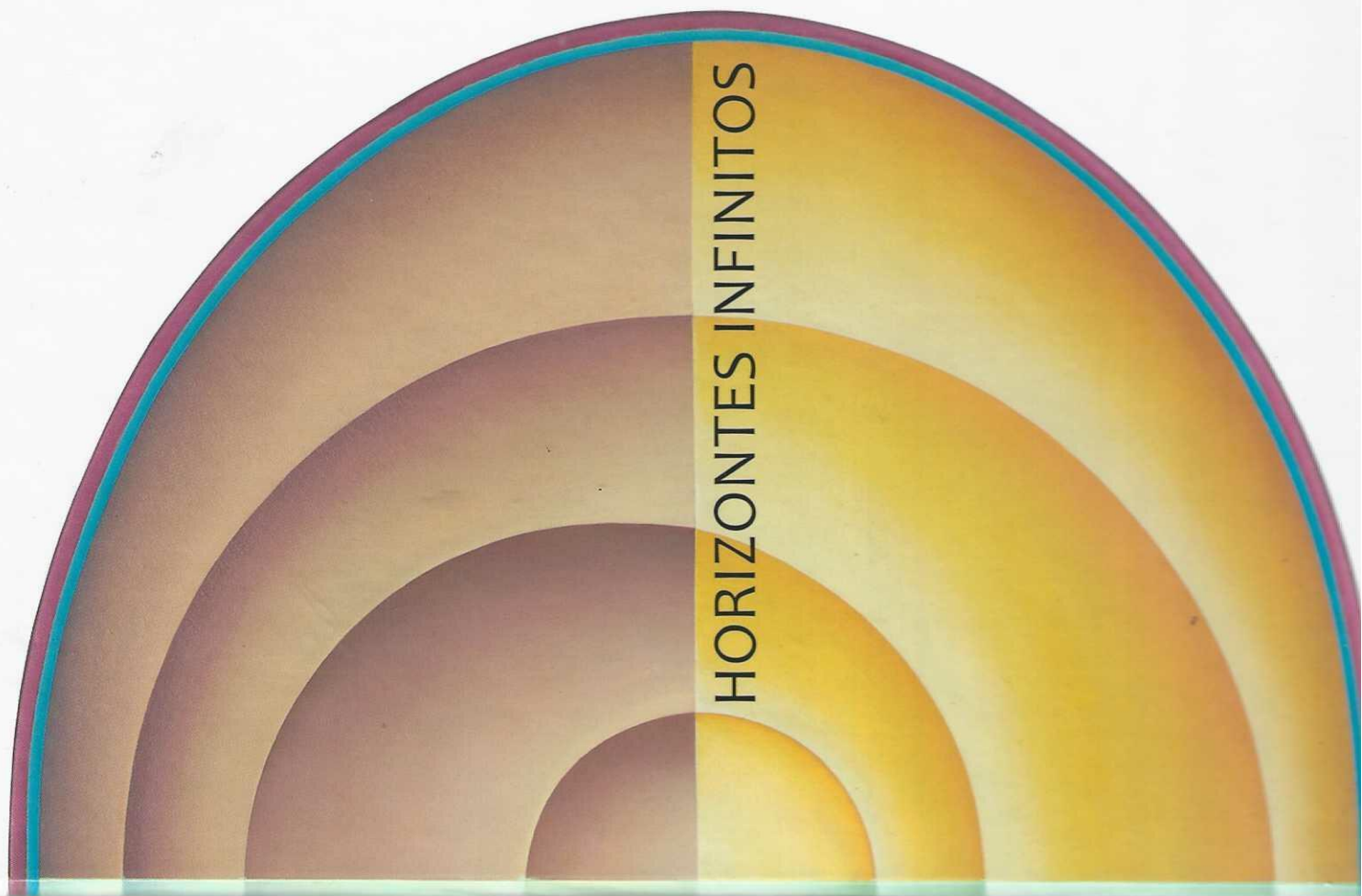


HORIZONTES INFINITOS



Exposição Horizontes Infinitos

DACRUZ

Março de 2021

Visito por
Sra. 18/5/81



o Punt (03) PACRUS

Sobre o amigo Carlos Dacruz, se eu fosse contar os encontros e desencontros emblemáticos de uma amizade de três décadas daria uma história de compartilhadas aprendizagens. Por isso resolvi considerar o artista Dacruz e sua produção investigativa.

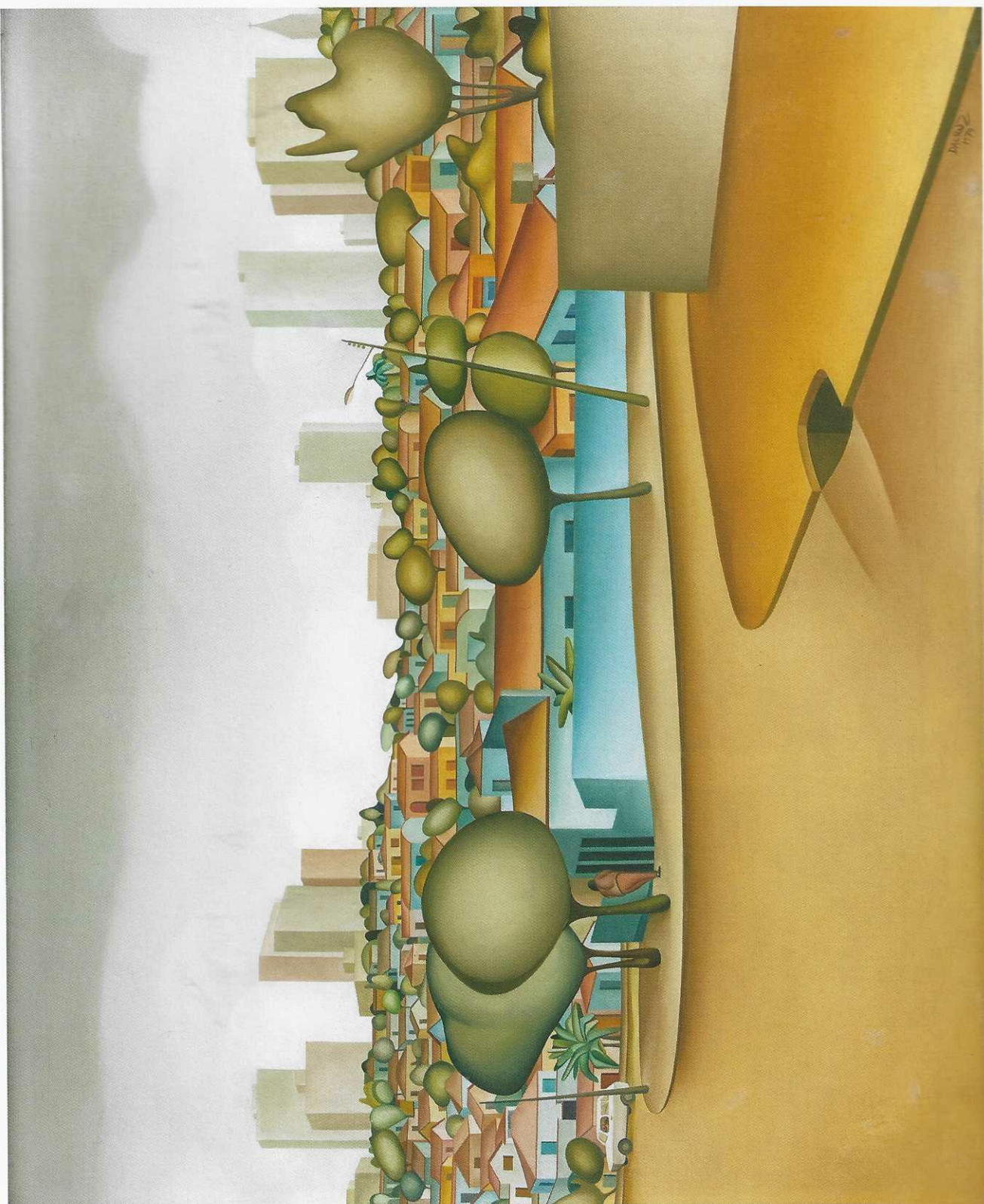
Dacruz explora predominantemente formas circulares e ovóides, abauladas, volumosas, cromáticas, sobrepostas e justapostas. Suas imagens provocam a ilusão de deslocamento dos planos. A plasticidade poética de Dacruz investiga suportes modelados e modulados em papietagem. Formas ovais em telas cromáticas e desenhos cromáticos em suportes ovóides.

Enquanto o cenário pictórico influente das décadas de 70 e 80 rejeitavam as representações da natureza, Carlos Dacruz pintava paisagens geometrizadas. Foi compreendido no auge de sua trajetória como um artista influenciado pelo cubismo tardio da arte moderna no Brasil. No entanto, o artista em sua minuciosa pesquisa apresenta um diálogo com abstracionismo geométrico de Hércules Barbotin, além de aproximar de composições ilusionistas como as de Giacomo Balla.

Carlos Dacruz é um artista intenso e insaciável. Surgiu na década de 70, consolidou-se na década de 80, continuou produzindo, tornando-se o artista do seu tempo.

Rochane Torres
Artista Visual e Coordenadora do Espaço Artco

Situ
alguns
chegar
artista
Na c
de est
Um
nou un
nou re
utiliza
São
Todavi
riado,
As s
bém o
caract
sua ob
fazem
De f
estrut
encant



Dacruz, um paisagista moderno.

Situando a arte moderna em Goiás, que se manifestou tardiamente com a chegada na década de 1950 de alguns artistas estrangeiros e brasileiros, detentores de estilos que remetiam a esse movimento, mas que não chegaram prontos, foram inseridos na busca de raízes culturais, em geral adaptados segundo o domínio de cada artista.

Na chegada desses “modernos”, alguns deles professores, já existiam artistas que desenvolviam trabalhos de estilos próprios e de estética com uma sobreposição inevitável de valores tradicionais e modernos.

Um desses artistas é Dacruz (Carlos César Cruz), que sendo um autodidata com imensa determinação se tornou um ícone em sua geração e um paisagista moderno; a combinação de arquitetura e natureza lhe proporcionou realizar composições muito equilibradas, cobrindo a maior parte da tela, deixando pouco espaço para o céu, utilizando cores alternadas no casario e com as formas arredondadas ou ovaladas representando a vegetação.

São vermelhos, azuis, amarelos e verdes que parecem puros e inscritos na tela com movimentos vigorosos. Todavia, Dacruz também pinta retratos, naturezas-mortas e composições abstratas. Seu período abstrato é variado, abarcando composições mais cubistas, que mantêm um resquício de figura, e outras mais informais.

As suas soluções têm em vista outros desígnios, inclusive de ordem espacial ou arquitetônica, embora também o artista se preocupe em impor uma subjetividade à composição, obedecendo, nesse particular, a uma característica dos pintores geométricos. Há um desenvolvimento sequencial ou linear de temas e colorido em sua obra. A cor, por vezes, irrompe furiosa em meio a suas formas, em composições que na grande maioria nos fazem lembrar figuras femininas deitadas mostrando a sobrepujança de suas curvas.

De índole lírica, é um artesão das cores. Dotado de enorme obstinação, sua pintura, altamente elaborada e estruturada, possui características bem definidas e pessoais, mostrando paisagens de múltiplas tonalidades, encantando o espectador.

Antonio da Mata

Diretor Técnico do Museu de Arte de Goiânia

Mestre em Artes/ UNICAMP

fevereiro 2021

Dacruz em cores e horizontes infinitos.

Carlos Dacruz nasceu em 1957 em Água Limpa e cresceu em Itapirapuã, municípios do interior do estado de Goiás, onde passou a infância e considera lugares paradisíacos. Autodidata, acha que seu percurso foi iniciado desde criança com seus grafismos e o prazer de desenhar com lápis de cor e canetas hidrocores. Aos doze anos produzia capas de trabalhos de escola para seus colegas e nessa mesma época recebeu, por um trabalho escolar, um prêmio entregue por Goiandira do Couto (1915-2011), paisagista goiana que dedicou grande parte de sua produção às paisagens e casarios da Cidade de Goiás.

Iniciou sua carreira nos anos 70, quando se mudou para Goiânia em 1972 e participou de um momento que considera importante para a pintura da cidade, onde se viu próximo a muitos artistas, alguns que já haviam iniciado em suas atividades na arte e outros, assim como ele, iniciando na sua profissão como artista. Entre os iniciantes estavam Washington (Whash), pintor abstracionista; Juca de Lima, também paisagista; Isa Costa, gravadora e pintora. Dacruz os visitava em seus ateliês, assim como os artistas já consagrados como Cleber Gouvêa, Siron Franco, Amaury Menezes; nessa mesma época todo meio artístico se encontrava também no ateliê de Vanda Pinheiro, local em que fez uma permuta, com Frei Confaloni, de um de seus trabalhos, a seu pedido.

Possui quase toda sua produção consagrada à paisagem que pertence a uma atmosfera do clima e vegetação do interior do estado de Goiás. Suas paisagens que são construídas mais a partir de uma observação meditativa com a participação de casarios vernaculares, trazem um aspecto metafísico e transfigurativo e não obedecem a uma perspectiva aérea própria da tradição da pintura; suas composições pictóricas são filtradas por uma síntese de volumes dos objetos representados, dando um tratamento escultórico e uma percepção ocular que evidencia formas côncavas e convexas, como se víssemos através de lentes da imaginação.

Sua paleta de cores segue um princípio suave e pastel com grande domínio dos degradês; apesar de não ter frequentado uma formação acadêmica, desenvolve uma pintura que explora o desenho e a cor, alternando momentos em que um se sobrepõe ao outro, substituindo a perspectiva clássica por camadas de transparências capazes de criar profundidade através do domínio cada vez maior de sua própria expressão.

Mais tarde, em outra fase, explora contornos negros mais acentuados apresentando um maior domínio do desenho sobre as cores e trabalhando a superfície da tela com formas curvas e ovoides; nesse momento suas cores se tornam mais fortes, mas sempre explorando um grande domínio da harmonia dos acordes de sua paleta que passa por uma maior saturação cromática através de sua liberdade de expressão e pura sensação de efeitos contrastantes.

A partir de 2002, Dacruz volta a viver no interior de Goiás, afastando-se das galerias da capital, e em Itapirapuã passa a desenvolver textos que abordam questões ecológicas de conscientização da relação da produção do lixo, a cidade e a natureza. Embora afastado do mercado, nessa fase, inicia a produção de suportes volumétricos para sua pintura.

A volumetria e os espaços amplos com combinações de cores infinitas em seus degrados retornam para essas novas superfícies trazendo uma reconfiguração de sua composição paisagística de quase abstração e “horizontes infinitos”, como ele mesmo chama. A sensação de continuidade através da deambulação do espectador em torno de suas formas ovoides desloca o domínio da composição para proximidade ou distanciamento do observador, possibilitando uma sensação de controle de uma ilusão abstrata com sua formalidade inovadora.

A magia das ilusões, dos planos e concavidades apresenta um campo de domínio presente na obra de Dacruz desde os anos 70, e sua expressão única pôde ser observada por grande parte do público da cidade de Goiânia que agora tem novamente a oportunidade de conhecer o percurso de um artista que enfrentou todos os desafios de seguir o seu próprio caminho.

Nancy de Melo Batista Pereira

Curadora e Artista Plástica

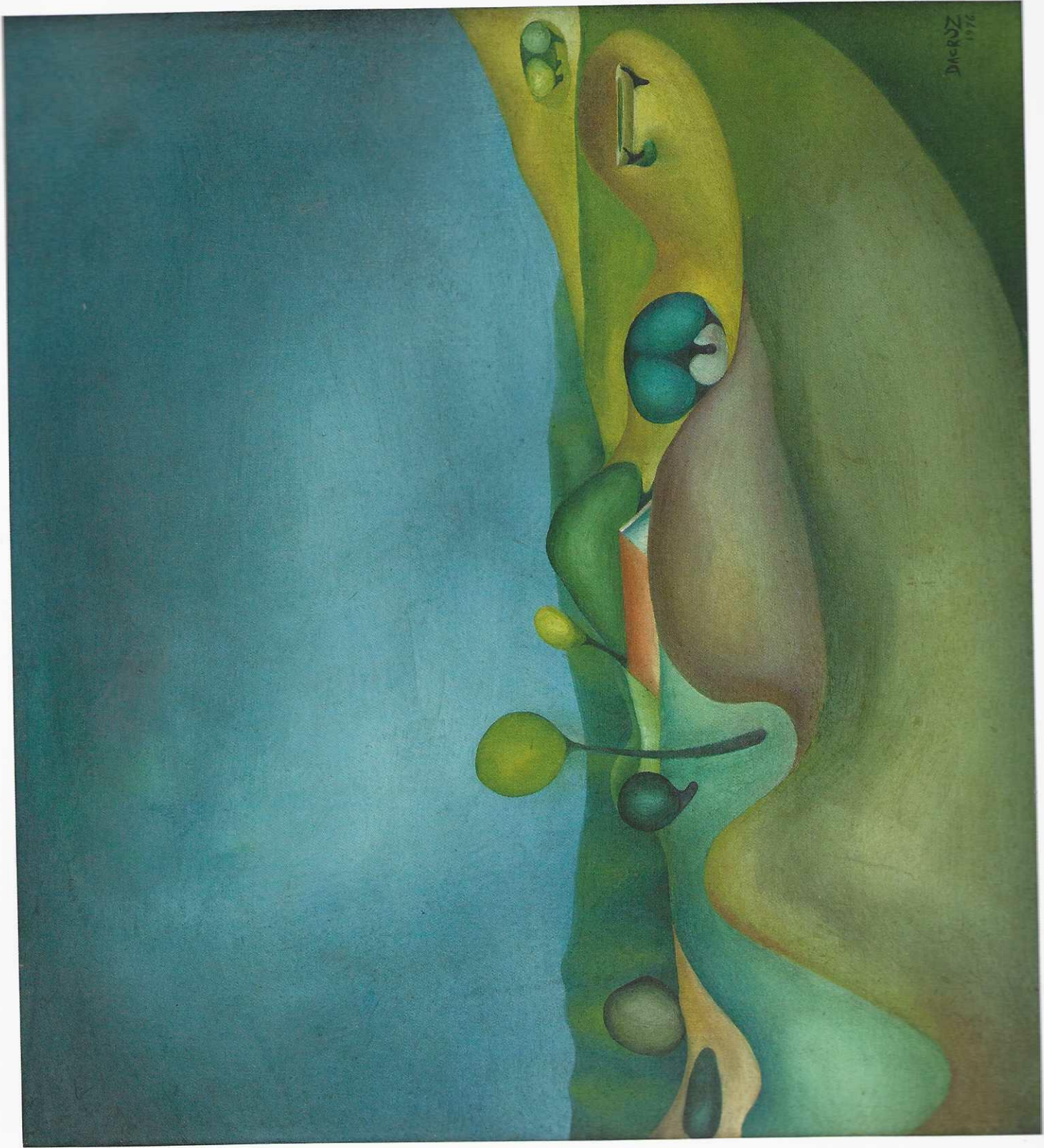
Docente da Escola de Artes e Arquitetura – PUC Goiás

25/02/2021

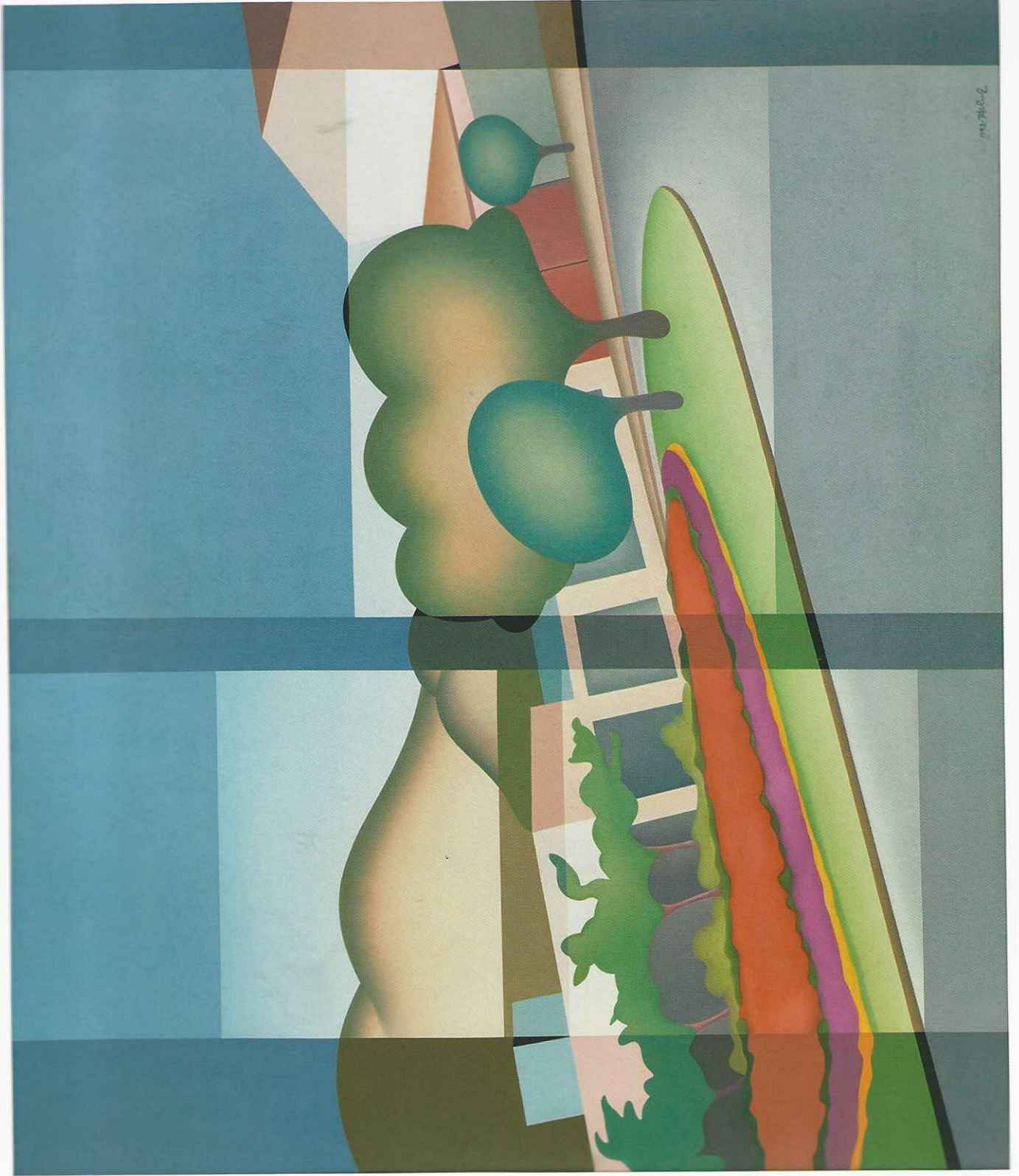


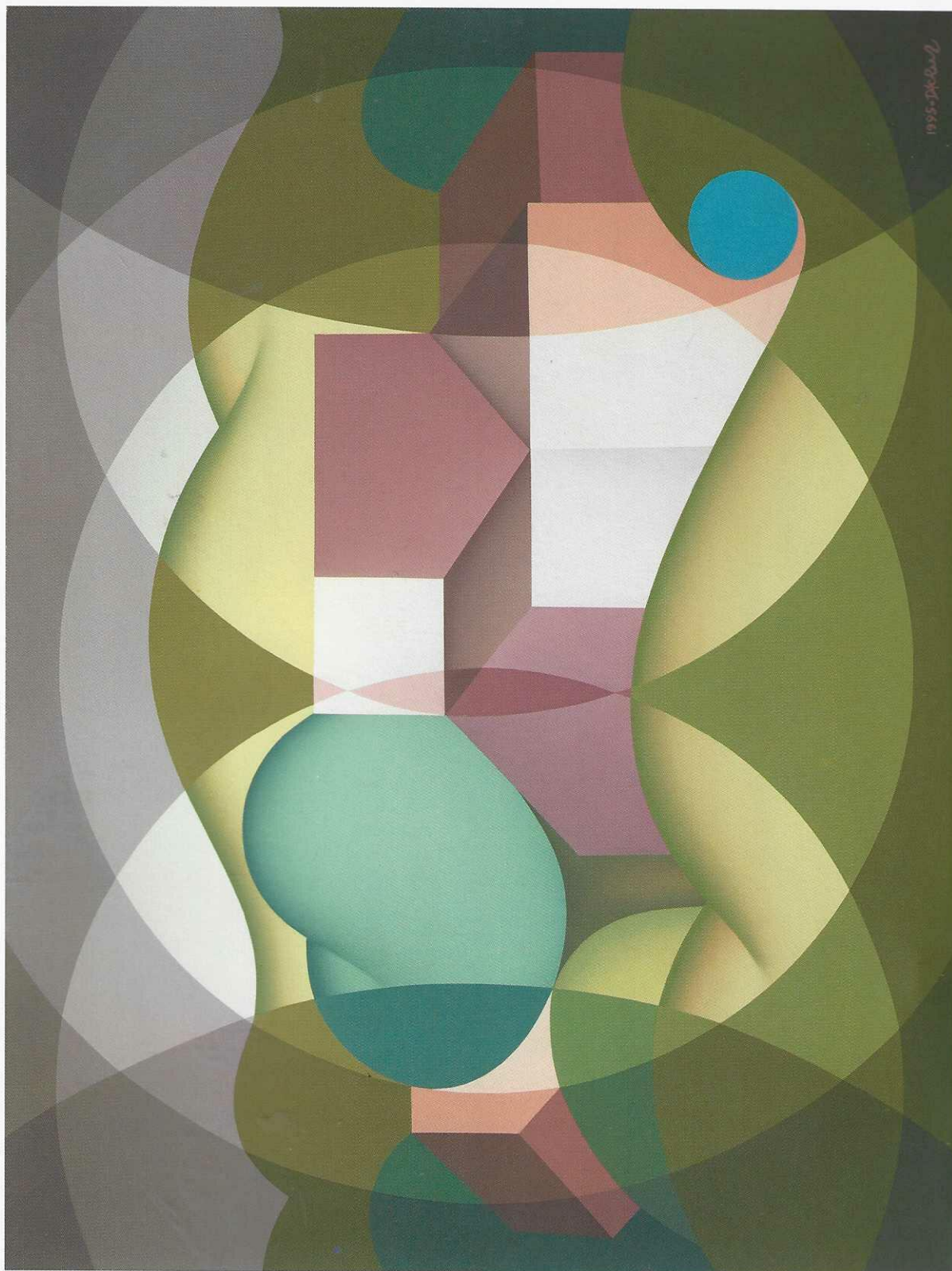












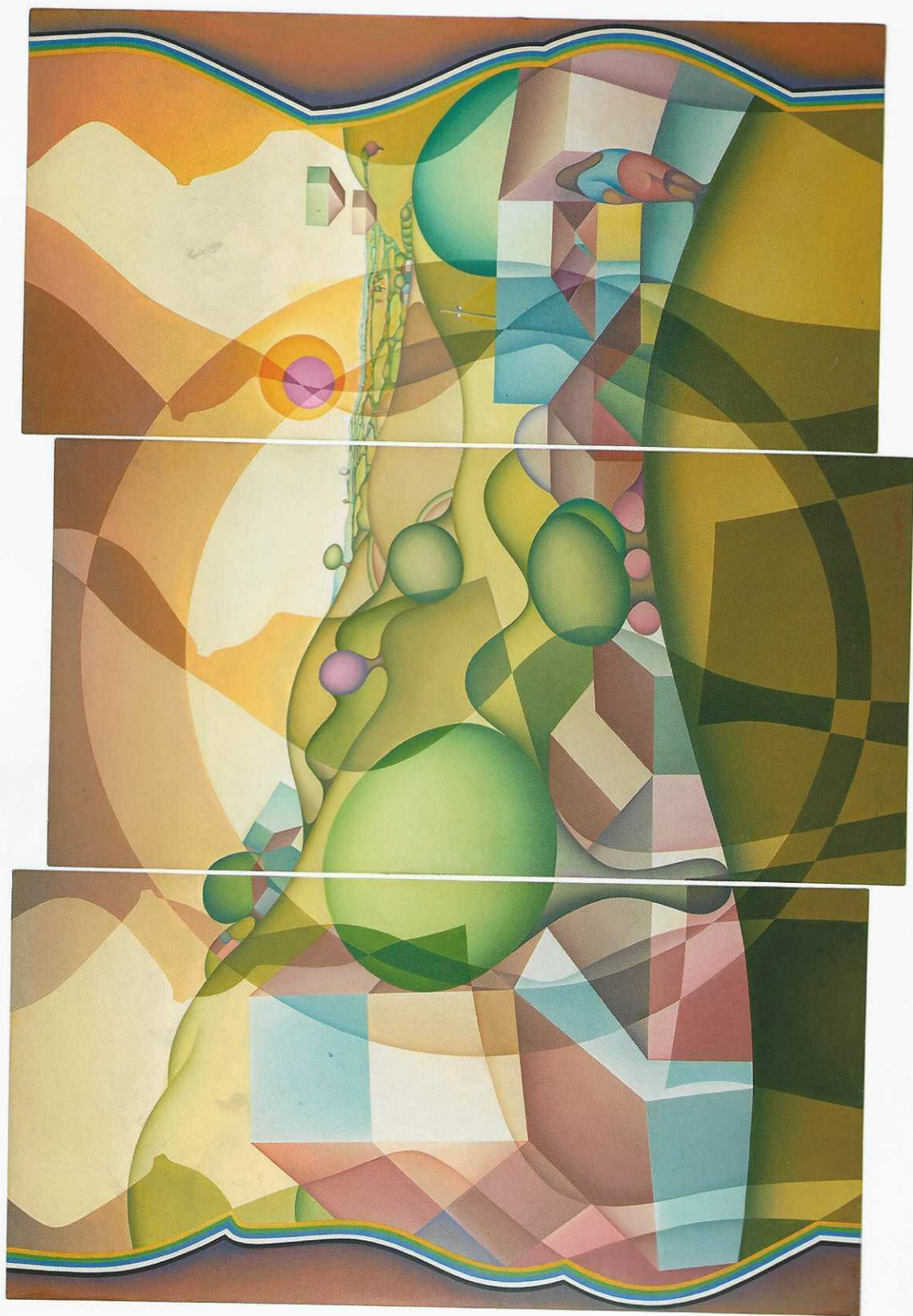


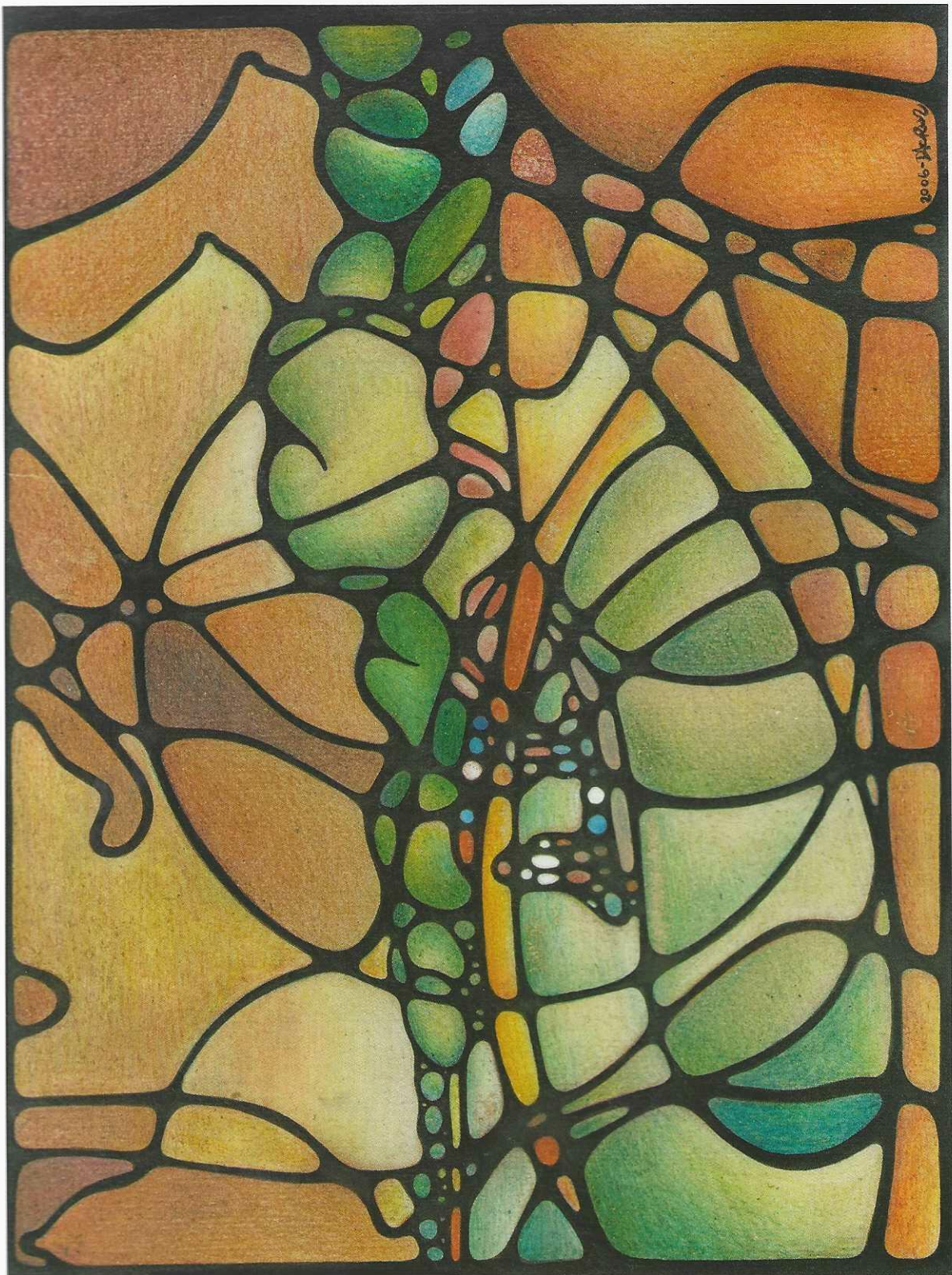


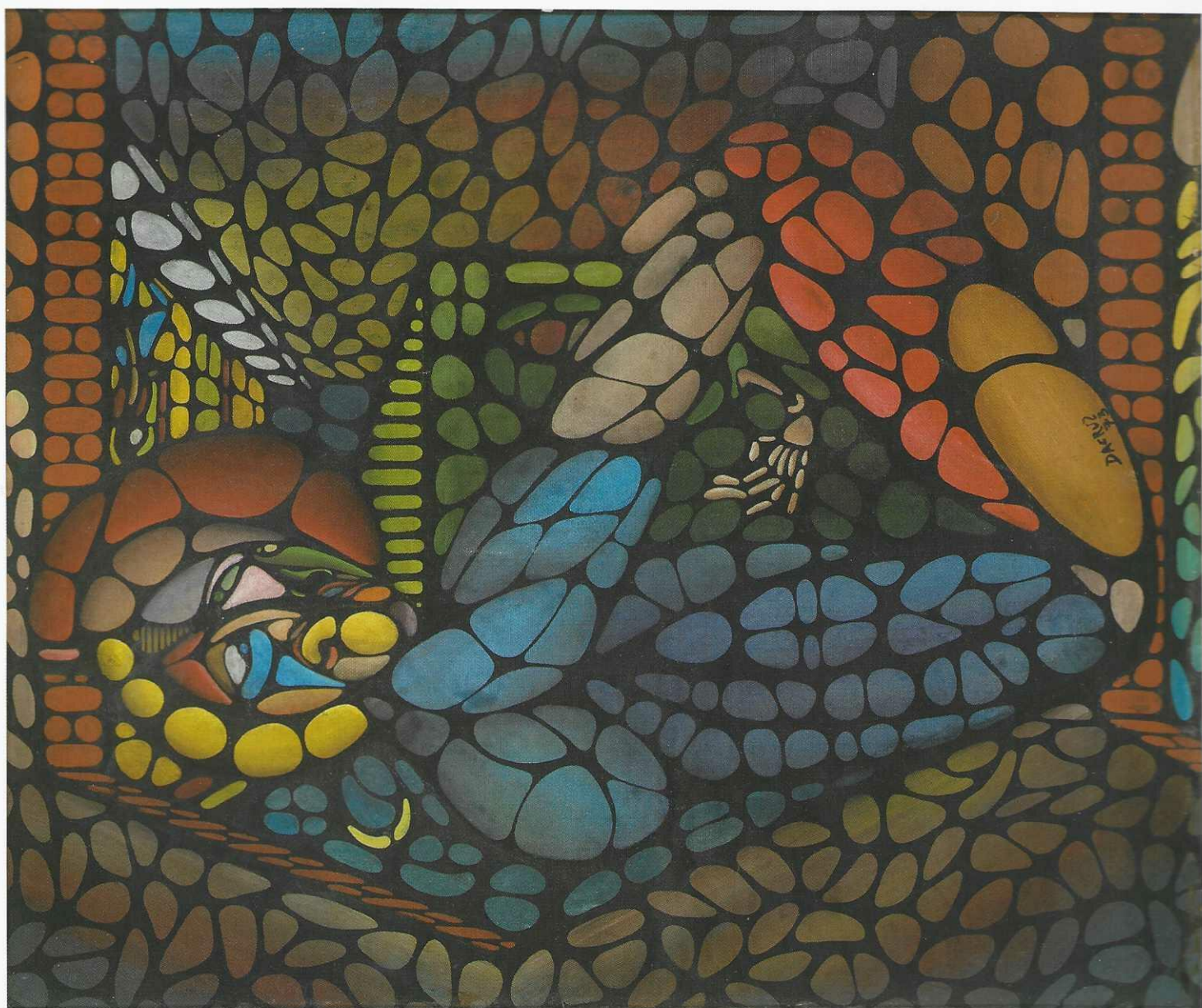


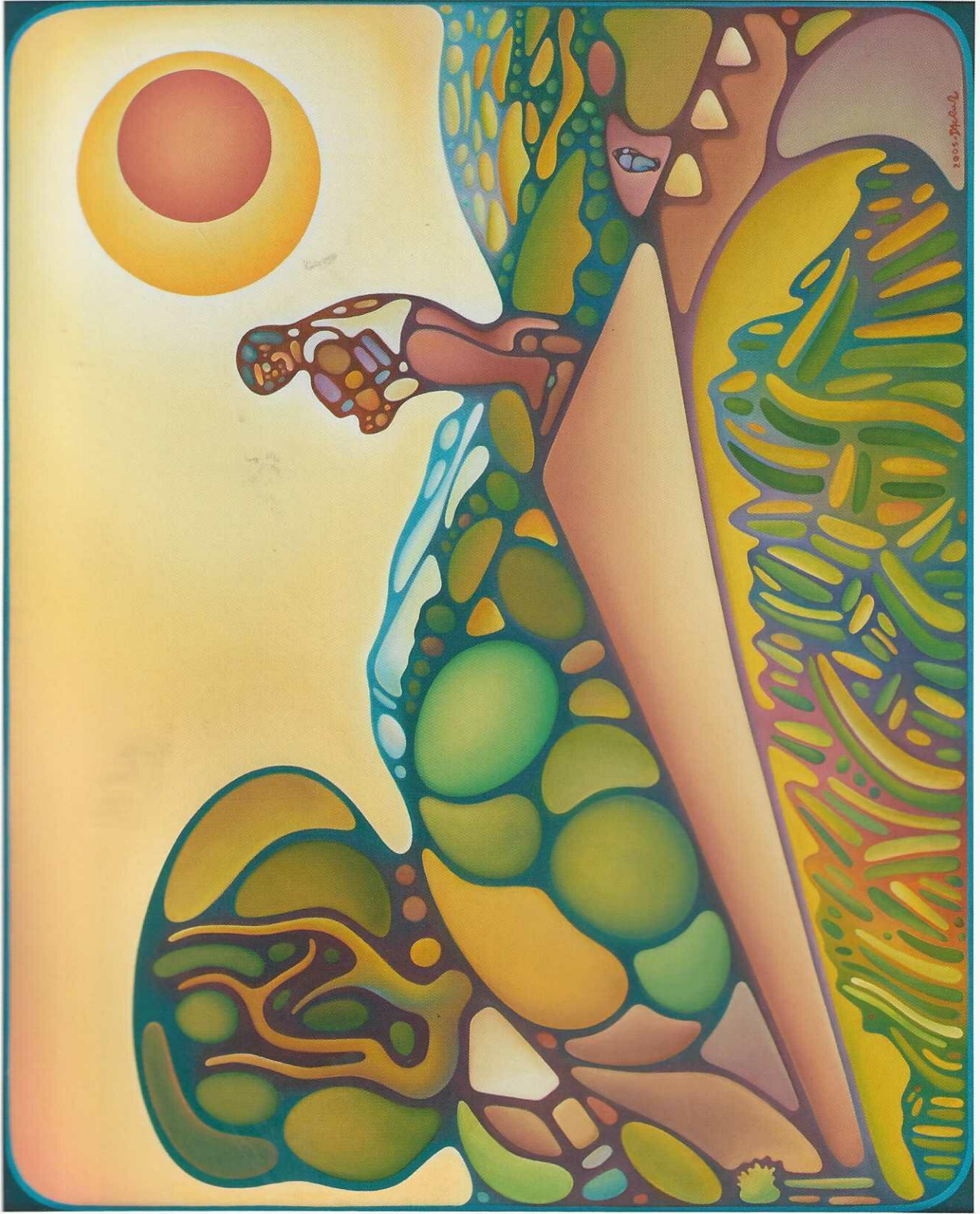
2004-2005

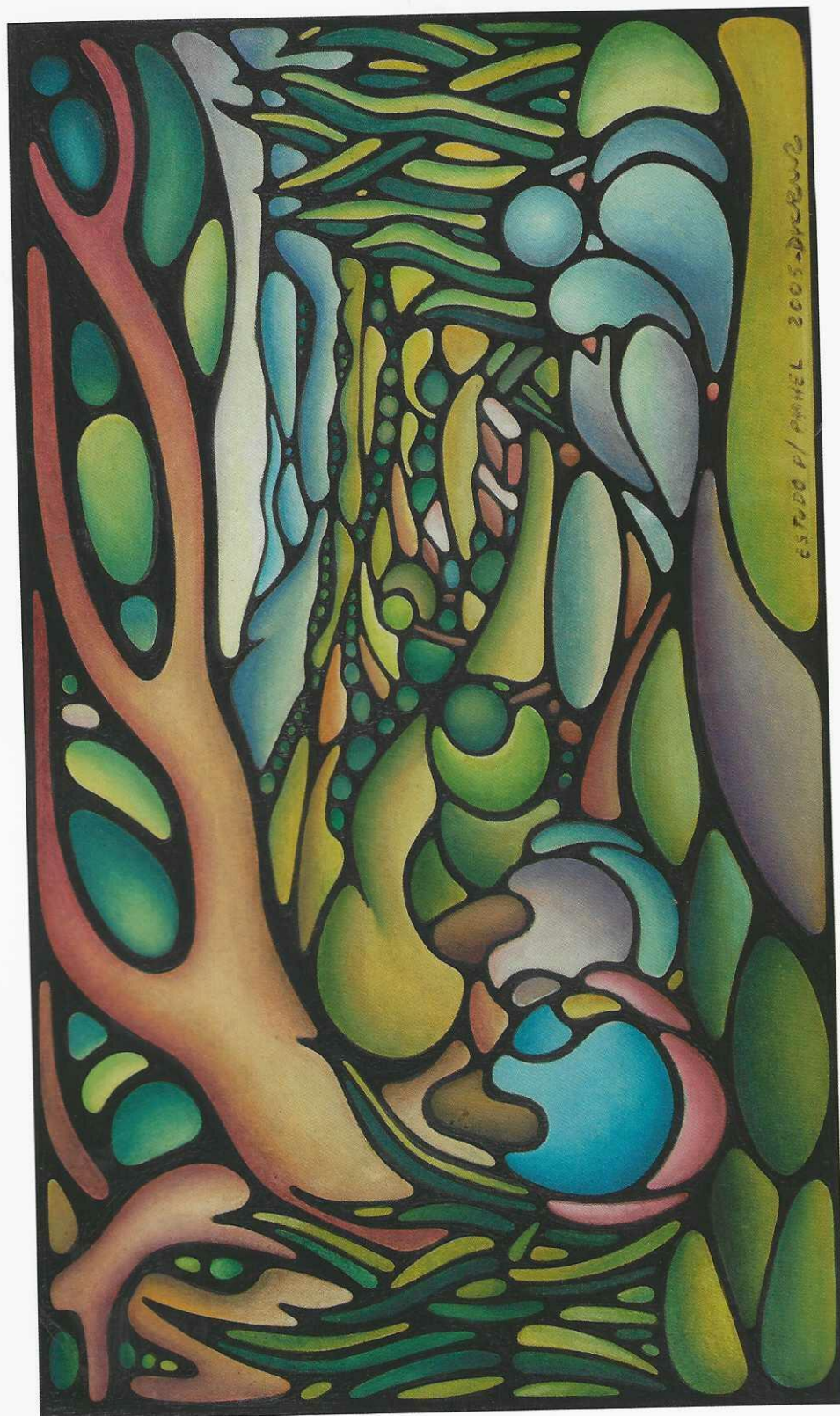


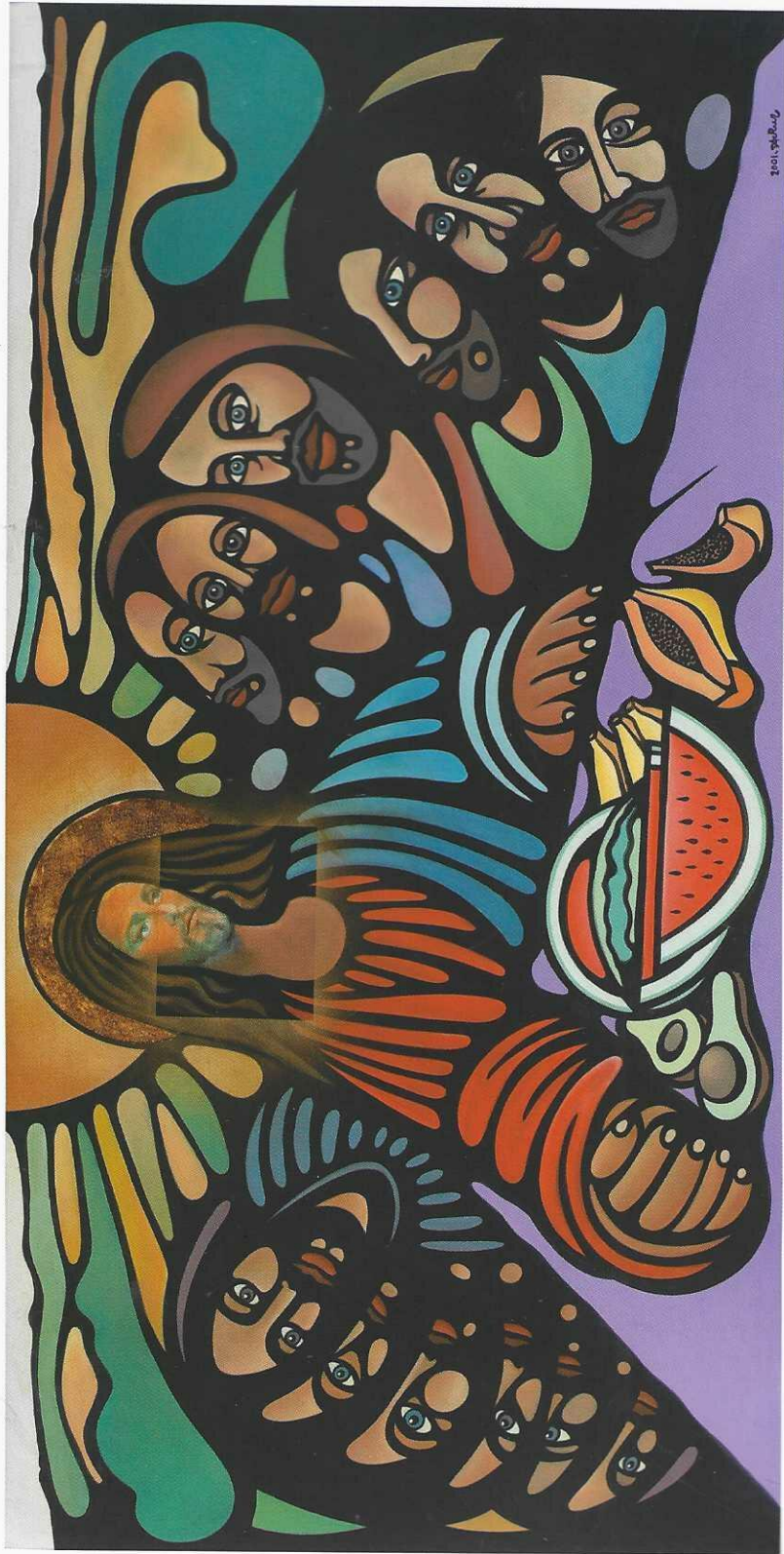




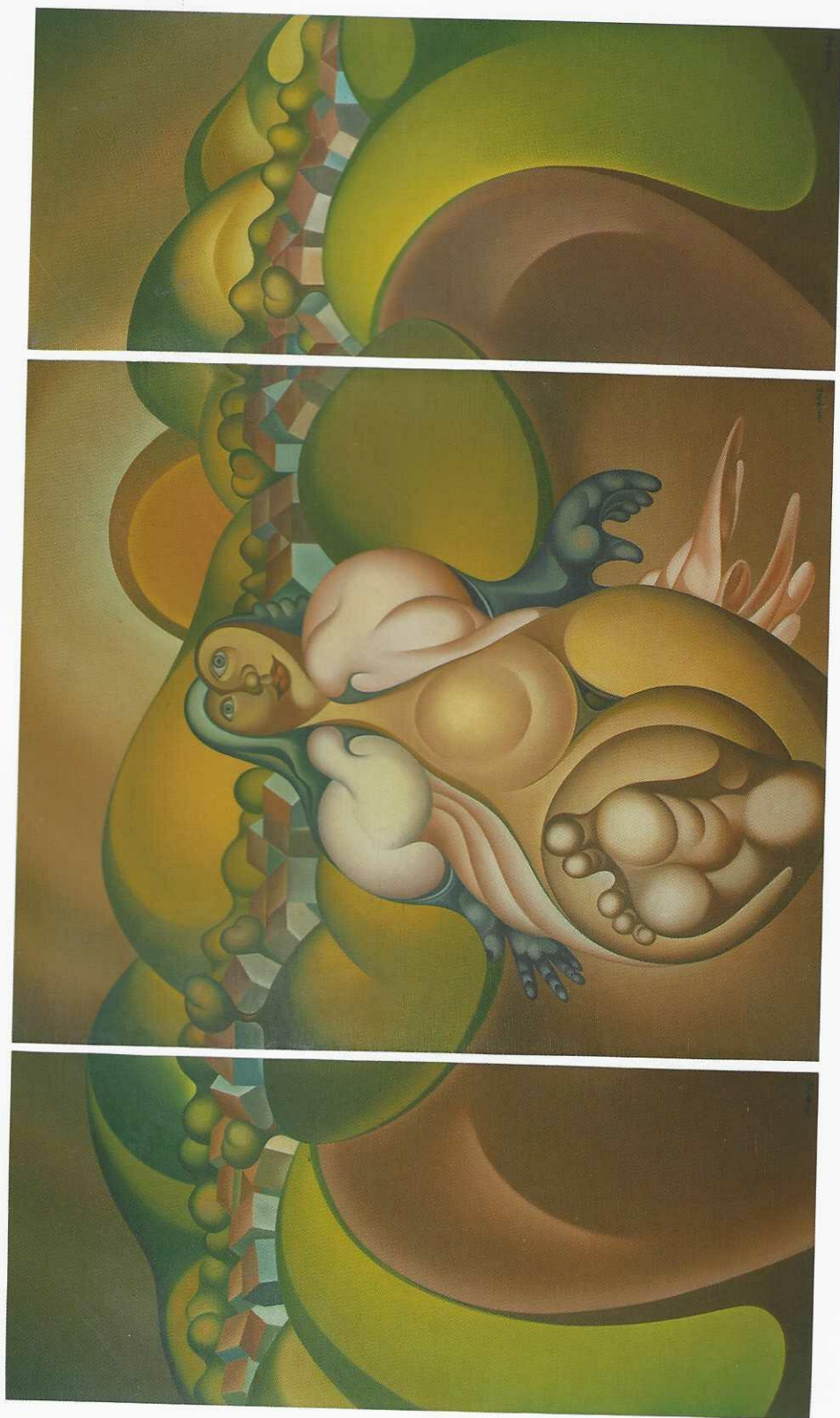








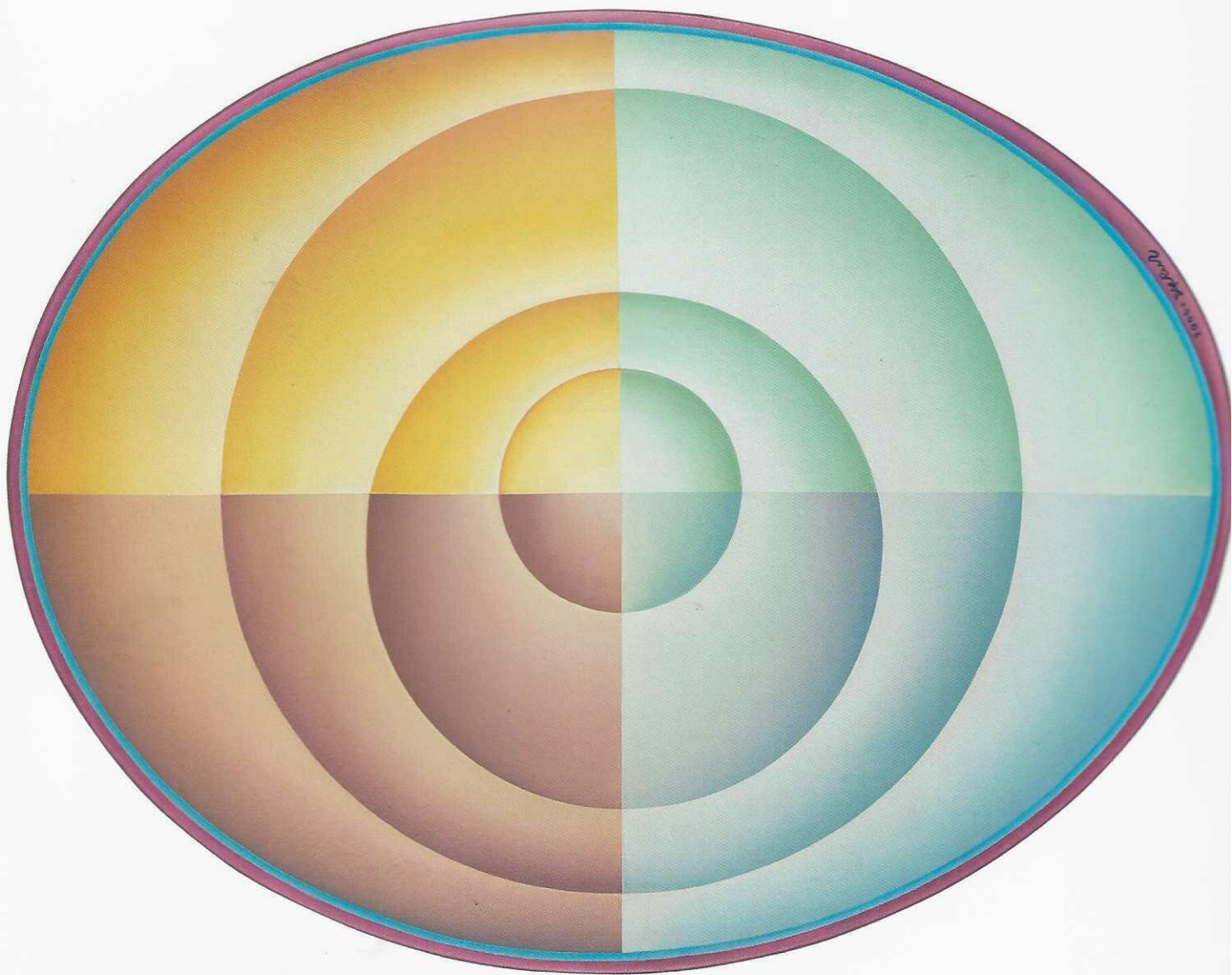








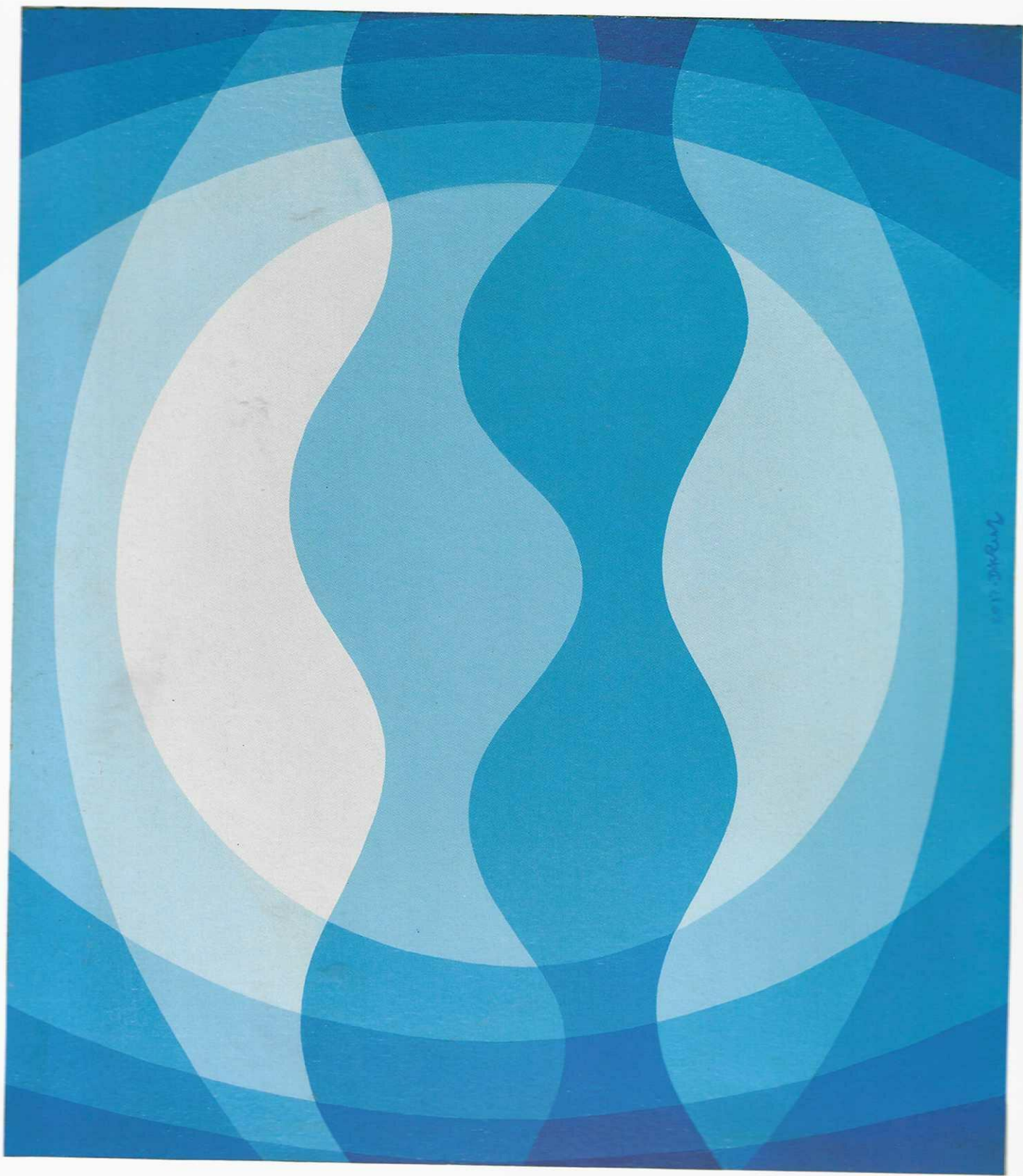


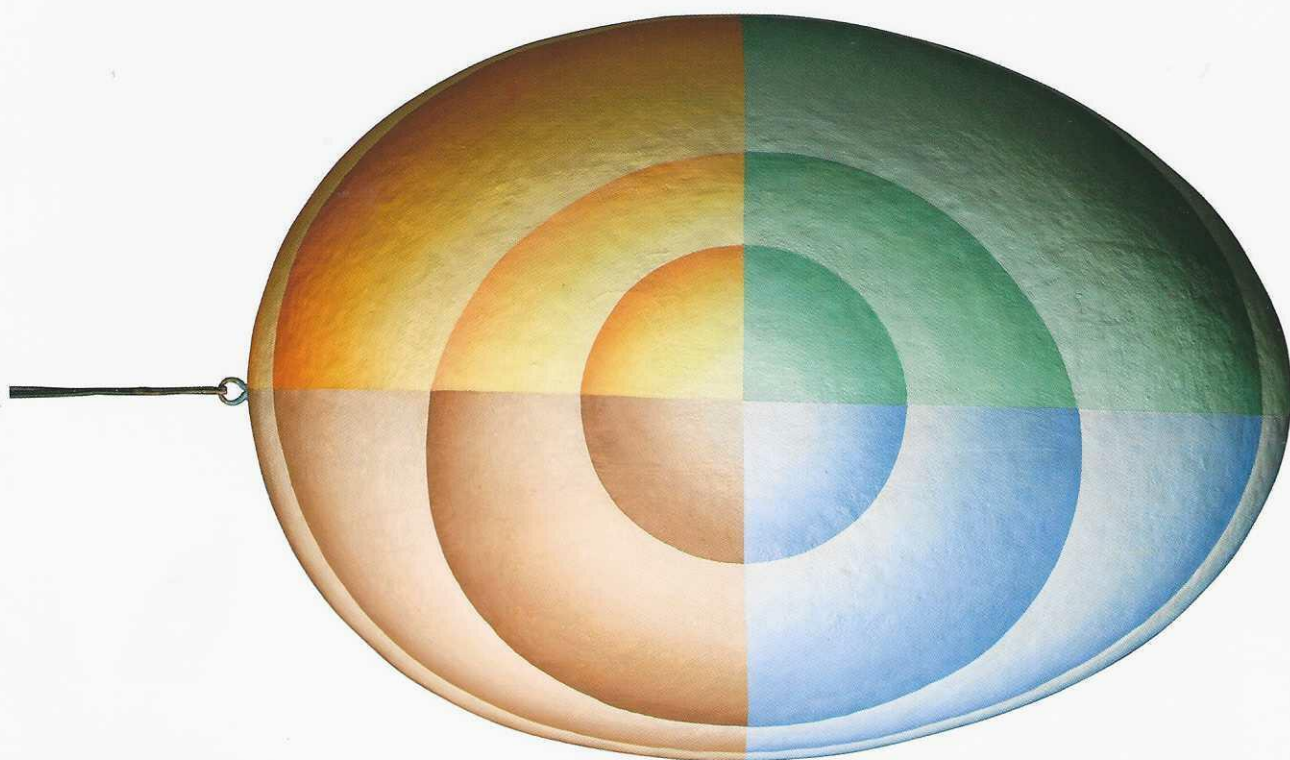


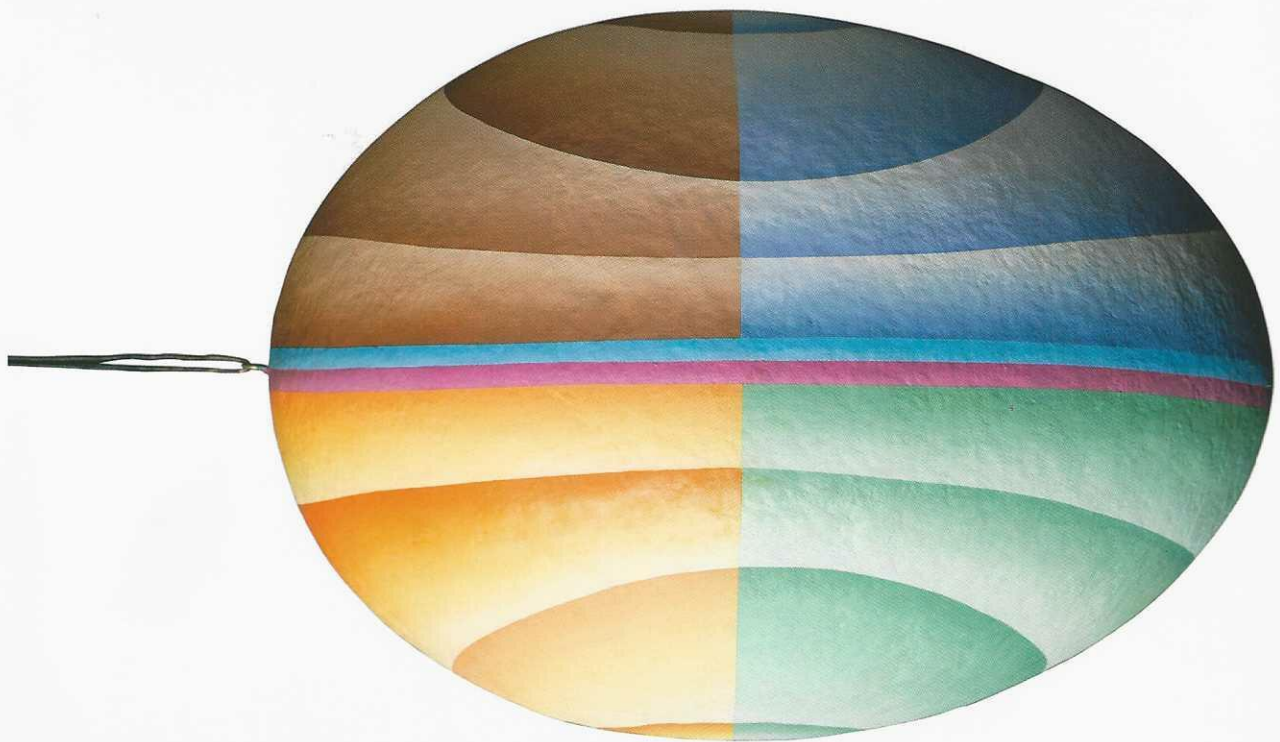


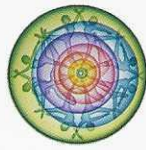












Buscar a perfeição absoluta, ser cada dia
mais claro, límpido e transparente.

Libertar-se do quadrado que representa
o materialismo.

Arredondar tudo, zerar para sermos livres rumo ao
infinito do todo.

Acabar com todas as diferenças,
adotando o princípio da igualdade.

Entender que se estamos zerados, então
já temos tudo, pois tudo se originou do nada.

Ser para ser, pois esta é a
questão divina sobre tudo.

Entender que somos o que pensamos
e fazemos e não o que pensamos que somos.

Entender que devemos cada um fazer a sua parte
para que não seja necessário ninguém cobrar nada
de ninguém. Amar a Deus,
ao outro e a nós mesmos.

Dacruz



Acervo

Página 4 Asseio Desejado - 1979 Acrílico s/ tela; Dm: 65x80 Museu de Arte Contemporânea de Goiás	Página 15 Agonia do quadrado - 1979 Óleo s/ tela; Dm: 100X140 José Maria Sobreiro	Página 24 Deslumbrando Xangrilá - 2006 Óleo s/ cartão; Dm 22X38 Liení Martins de Pinna	Página 33 A força da mulher - 1986 Óleo s/ tela; Dm: 60X70 Clube Jaó	Sem título - 1990 Óleo s/ tela ; Dm: 50X60 Norival Pinto de Oliveira Junior
Página 8 Paisagem Urbana com rádio musical - 1982 Óleo s/ tela; Dm: 70X90 Felicíssimo Sena	Página 16 A agonia do quadrado - 2004 Óleo s/ tela; Dm: 120X140 Edmar Xavier de Godoy - Carlos Dacruz	Página 25 Santa Ceia Tropical - 2001 Técnica mista; Dm: 140X250 José Maria Sobreiro	Página 34 Autografica - 1989 Óleo s/ tela; Dm: 90X100 José Maria Sobreiro	
Página 9 Sem título - 1986 Óleo s/ tela; Dm: 220X160 Valdir José de Medeiros	Página 17 Pescador do rio vermelho - 2007 Óleo s/ tela; Dm: 50 diâmetro José Maria Sobreiro	Página 26 O último suspiro do quadrado - 2003 Óleo s/ tela; Dm: 50 diâmetro Juliana Ferraz Cruz	Página 35 Onda azul - 2017 Acrílico s/ cartão; Dm: 55X64 Rochane Torres	
Página 10 Sem título - 1981 Óleo s/ tela; Dm: 50X60 Marcos Caiado	Página 18 Agonia do quadrado - 2003 Óleo s/ tela; Dm: 120X140 Liení Martins de Pinna	Página 27 A força da mulher - 1984 Óleo s/ tela; Dm: 140X260 Clube Jaó	Páginas 36 e 37 Ovoide - 2021 Tridimensional - Papietagem Óleo s/ papelão; Dm 50X40 Carlos Dacruz	
Página 11 Bucólica - 1976 Óleo s/ tela; Dm: 50X60 Museu de Arte de Goiânia	Página 19 Deslumbrando Xangrilá - 2005 Dm: 120X180 Carlos Dacruz	Páginas 28 e 29 O último suspiro do quadrado - 2005 Óleo s/ tela; Dm: 100X150 Óleo s/ tela; Dm: 100X150 José Guilherme		
Página 12 Semeadores - 1976 Óleo s/ tela; Dm: 50X70 Museu de Arte Contemporânea de Goiás	Página 20 Rio Vermelho - 2006 Desenho; Dm 28X32 Liení Martins de Pinna	Página 30 Acampamento no Rio Vermelho - 1998 Óleo s/ tela; Dm: 120X250 José Maria Sobreiro		
Página 13 Sem título - 1992 Óleo s/ tela; Dm: 100X120 Museu de Arte de Goiânia	Página 21 Os amantes - 1973 Óleo s/ tela ; Dm:70X60 Edval Lourenço	Página 31 O último suspiro do quadrado - 2006 Óleo s/ tela; Dm: 74X62 Felicíssimo Sena		
Página 14 Autografia - 1995 Óleo s/ tela; Dm: 60X70 Maria Marçal	Página 22 O professor - 2005 Óleo s/ tela; Dm: 80X100 José Antônio ou José Francisco	Página 32 tempo é infinito - 2006		

Ficha Técnica

Espaço Expositivo Artco
Coordenação Rochane Torres

Exposição Horizontes Infinitos
Dacruz

Curadoria
Nancy de Melo Batista Pereira

Apresentação
Antonio Da Mata

Produtora Executiva
Juliana de Castro

Fotografia
Hugo Bittencourt de Rezende
Leonardo Fernandes
Paulo Rezende

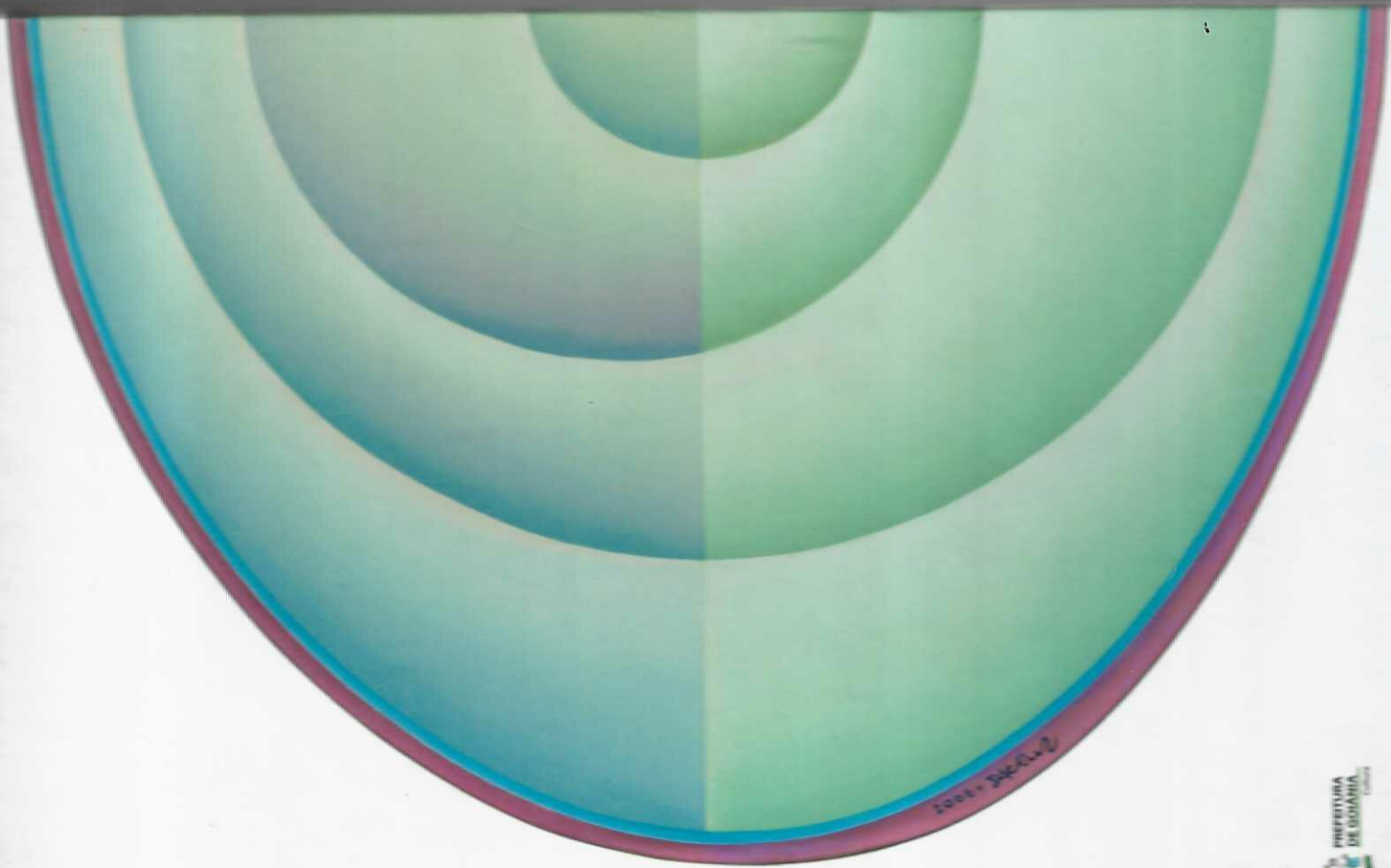
Design Gráfico
Sérgio Soares

Ação Educativa e Arte da Capa
Joanna Penna

Agradecimentos Especiais

Ciranda da Arte, Clube Jaó, Museu de Arte de Goiânia, Museu de Arte Contemporânea de Goiás

<http://www.artcocirandadaarte.com.br>



Agência Institucional de Projeções de Trabalho

